

EVIDÊNCIAS DE UMA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO EM VIKTOR EMIL FRANKL: DEUS, SENTIDO DA VIDA E RELIGIÃO

EVIDENCES OF A PSYCHOLOGY OF RELIGION IN VIKTOR EMIL FRANKL: GOD, MEANING OF LIFE AND RELIGION

Matheus dos Reis Gomes¹

Resumo

Este artigo objetiva compreender os conceitos e métodos da psicoterapia de Viktor Frankl frente à religião. Propõe-se aqui que Viktor Frankl, ao trabalhar conceitos como: sentido da vida, religião, Deus sob à luz das ciências psicológicas, inaugurou uma autêntica psicologia da religião.

Palavras-chaves: Psicologia da Religião, Deus, Religião, Viktor Emil Frankl.

Abstract

This article aims to understand the concepts and methods of Viktor Frankl's psychotherapy in relation to religion. It is proposed here that Viktor Frankl, when working on concepts such as: the meaning of life, religion, God under the light of the psychological sciences, developed an authentic psychology of religion.

Keywords: Psychology of Religion, God, Religion, Viktor Frankl.

Resumen

Este artículo objetiva comprender los conceptos y métodos de la psicoterapia de Viktor Frankl frente a la religión. Se propone aquí entonces que Viktor Frankl al trabajar conceptos como: sentido de la vida, religión, Dios bajo la luz de las ciencias psicológicas, inauguró una auténtica psicología de la religión.

Palavras clave: Psicología de la Religión, Dios, Religión, Viktor Emil Frankl

1 Introdução

¹ Bacharel em Ciências Humanas - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Especialista em Ciência da Religião - Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Membro da Sociedade Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE).

Segundo Ávila (ÁVILA, 2007, p.11), a psicologia da religião apresentou uma cosmovisão sobre o entendimento da religiosidade a partir do surgimento das correntes psicológicas humanistas, nascidas entre as décadas de 1960 e 1970. Entretanto, se o entendimento da religiosidade a partir do estudo da psicologia apresentou um paradigma que possibilitou um diálogo de integração entre ambos lados – ciência e religião –, a relação se tornou extremamente difícil pelas diversas perspectivas e, a partir dessas óticas, gerando novas problematizações que vieram a ser redigidas pelos diversos pesquisadores e estudiosos daquela época.

Não em detrimento, mas além dos conflitos que houvera a ser trabalhados pela psicologia e pela religião, as abordagens realizadas entre a teologia e a psicologia fizeram com que esse caráter de integração pudesse dinamizar e, de uma maneira específica, ampliar a pluralidade de teorias psicológicas nas mais variadas abordagens possíveis, ou seja, foi descoberto um campo que possibilitou que o estudo da religião fosse aplicado não só pela explicação teológica-doutrinária, mas também pelas abordagens psicológicas da religião.

A abertura da psicologia ao estudo da religião teve seus méritos por apresentar novos resultados para área da saúde e da religiosidade. Destarte, é de extrema importância salientar que a neutralidade é evidenciada, já nesta época, ao julgar o papel do psicólogo frente às questões religiosas vivenciadas pelos pacientes (ÁVILA, 2007, p.10)². É sabido que a forma com que o psiquiatra Viktor Frankl trabalhou as questões existenciais cunhadas sobre hermenêutica filosófica, possibilitou-o a ampliar, dentro dos limites das pesquisas científicas do final do século XX, diversos conceitos entre a psicologia e a religião; que com o seu advento no século XIX não foi trabalhada especificamente pela *psicanálise* freudiana e nem pela *psicologia individual* adleriana – fundadores da primeira e segunda escola vienense de psicoterapia (ÁVILA, 2007, p.11). Há de se destacar, também, que a abordagem com que Frankl descreveu a *espinha dorsal* da sua psicoterapia, trouxe à tona a expansão das pesquisas sobre a existencialidade do sujeito, justificando-a conjuntamente a partir da objetivação no *locus* da existência, isto é, uma análise *sine qua non* sobre a espiritualidade presente em cada indivíduo a partir do surgimento das abordagens da psicologia. Leslie (2013) afirma, sintetizando a importância de Frankl para diversas áreas do conhecimento, que “se a primeira metade do

²“A psicologia da religião pôde apresentar uma grande quantidade de contribuições úteis para a compreensão da religiosidade do ser humano, contribuições muitas vezes parciais, dispersas em múltiplas pesquisas, carentes de um paradigma único que nos permita integrá-las harmonicamente... sendo por isso difícil encontrar autores que hoje se arrisquem a redigir obras com um caráter geral e de síntese” (ÁVILA, 2007, p.10).

século XX pode ser chamada de era da psicanálise, a segunda pode bem representar a redescoberta dimensão espiritual” (LESLIE, 2013, p.37). Esta afirmação condiz justamente pela abordagem existencialista da psicoterapia feita por Frankl e o seu íntimo diálogo com a religião.

É nesta incursão que se apresentam os objetivos principais deste artigo. O presente trabalho consiste em primeiro lugar apresentar a estreita relação entre a religião e a logoterapia (nome dado por Frankl a sua psicoterapia), evidenciando o objetivo principal de tais conceitos – psicologia e religião – e as suas rupturas dentro de cada dimensão. E por fim, iremos expor a importância dos aspectos teológicos dentro sua psicologia, dando o suporte teórico para delimitarmos a sua abordagem dentro da grande área da psicologia da religião.

A posição que o vienense tomou em relação a religião caracterizou na conjuntura de todo o seu pensamento que difere das duas escolas vienenses de psicoterapia existentes na época. A primeira ruptura de Frankl a essas escolas se deu entre a logoterapia frankliana com a psicanálise freudiana; algumas das maiores divergências foram na conceituação que Freud apresentou sobre o conceito da *vontade de prazer* no ser humano, onde Frankl propõe, como veremos a seguir, uma *vontade de sentido*. A segunda é a Psicologia Individual de Adler, indo novamente na contramão com a *vontade de poder*, caracterizada em suma, que o ser humano possui em si tal vontade (AQUINO, 2013, p.42).

O estudo conceitual do *sagrado* dentro da teologia-dogmática, não foi trabalhado pela logoterapia na sua imanência, e muito menos nas abordagens da transcendentalidade que as religiões trabalham, principalmente quando citamos a metafísica e o estudo Ser. “É comum que a psicologia da religião abandone seu objeto primordial, o homem enquanto religioso, para converter-se numa prova ou refutação daquele que é o outro polo do diálogo: Deus” (ÁVILA, 2007, p.17). Desta forma, “deve-se colocar entre parênteses a existência efetiva de Deus, pois por definição não pertence ao campo do psicólogo” (Cf. MCCARTHY, 1982, p. 380-383; Vergote, 1983, p.19-20 *apud* ÁVILA, 2007, p.17). Mas iremos discutir se realmente Frankl coloca a existência efetiva de Deus entre parênteses, já que considera que o nosso inconsciente está voltado à um Deus “desconhecido”.

As dificuldades nesta área se iniciam a partir do ponto da *neutralidade* da psicologia frente ao fenômeno e o indivíduo religioso, isto é, a exigência que o psicólogo da religião apresenta diante do caráter dialogal do fato religioso. Tal descrição, entretanto, não reduz por completo a descrição do fato religioso a partir da perspectiva do psicólogo da religião. O juízo

de valor faz com que o profissional avalie o comportamento do sujeito diante das suas vivências religiosas, e assim, não poderá abster da importância que o indivíduo pode empregar a sua espiritualidade – no seu sentido contemporâneo – dentro de uma religião específica.

Valle (2005) reforça que a partir do advento da psicologia da religião, a psicologia começou a analisar com outros olhares as posições da teologia e da religião. Para o autor, Viktor Frankl foi um dos representantes destes novos olhares juntamente diante de tantos outros pesquisadores como Carl Gustav Jung (1875-1961), Erik Erikson (1902-1994), Gordon Willard Allport (1897-1967), Erich Fromm (1900-1980) e etc. Logo, esses “novos olhares” “[...] tornou-se teoricamente inviável manter a hostilidade da psicologia anterior em relação a tudo o que dissesse respeito ao religioso” (VALLE, 2005, p. 84).

2 Logoterapia: A importância do sentido como Logos

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um dos autores que conseguiu enxergar uma nova esfera de pensamento a partir do estudo da religiosidade presente em cada sujeito. Não obstante, Frankl foi além de seus influenciadores, subiu “[...] nos ombros de seus mestres, Freud e Adler, para enxergar que o ser humano possui, além de uma vontade de prazer e de poder, uma vontade de sentido” (AQUINO, 2013, p. 77).

O livro *Em busca do sentido* foi publicado originalmente em 1946 na Áustria, onde Frankl relata todas as experiências vividas dentro dos três campos de concentração. Além de expor a sua experiência como judeu nos campos, Frankl ainda consegue, por meio da logoterapia – nome dado por ele a sua psicoterapia –, apresentar os “caminhos” para que o sujeito encontre o sentido da vida em meio ao sofrimento. A antropologia filosófica de Frankl, “[...] por meio de sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva” (AQUINO, 2013, p.60), afirma que existe três possibilidades de indivíduo descobrir/encontrar o sentido da vida: “1) amando, 2) trabalhando e 3) suportando o sofrimento” (AQUINO, 2013, p. 61).

Para que o sujeito encontre o *sentido* da existência, a abordagem que Frankl utilizou exprime um dos principais objetivos da logoterapia: o método socrático chamado *maiêutica*. Segundo a descrição de Aquino (2013), o método socrático é constituído por dois momentos: a refutação e, em seguida, a maiêutica. “A refutação pode ser compreendida como momento do diálogo em que vem à tona a incoerência, a contradição. O momento da maiêutica é aquele no

qual a verdade vem à tona” (AQUINO, 2013, p. 82). Assim, o papel de Frankl neste processo reflete a tônica da necessidade que o indivíduo se conheça, se descubra, para com o descobrimento da sua verdade, encontre o sentido da vida.

Ao analisar a psicoterapia frankliana, destaca-se, logo de imediato, um importante elemento que caracteriza a estruturação da logoterapia: a análise existencial. A estrutura que a logoterapia e *análise existencial* foi formulada ao longo dos anos por Frankl abarca“ [...] tanto a filosofia e a teologia quanto a psicologia, a sociologia e a educação, enfim, quase todas as ciências do espírito (*geistwissenschaft*)” (AQUINO, 2013, p.13).

Muitos pensam erroneamente que Frankl desenvolveu a sua psicoterapia do *sentido* posteriormente a sua saída dos campos de concentração. Em certo grau esta afirmativa está parcialmente correta, mas Aquino destaca que o estado de *espírito* de Frankl já esteve frente ao niilismo da contemporaneidade ainda na juventude como estudante de medicina. Anos depois, Frankl realizou uma conferência em Varsóvia e afirmou, já como psiquiatra renomado, que não vivemos no tempo de Freud, caracterizado como uma época de frustração sexual, mas a época “[...] da frustração existencial. E em particular entre os jovens, cuja vontade sentido se encontra frustrada” (FRANKL, 2015, p.67).

A refutação à Freud parte, como vimos anteriormente, da negação de Frankl a ao dizer que um dos objetivos principais do ser humano, independentemente da situação, principalmente em situações extremas, se predomina a vontade prazer (LESLIE, 2015, p.59). Frankl afirma, veementemente, que é a busca pelo um sentido que caracteriza a essência do humano, uma essência inclinada para a sua realização. Para isso, “a única maneira de suportar a vida é ter sempre uma tarefa a concluir” (LESLIE, 2015, p.97).

A frustração existencial cunhada na logoterapia, como um dos conceitos fundamentais na psicoterapia frankliana, compreende que a vontade de sentido do ser humano poderá entrar em um momento de frustração, ou seja, a perda do sentido da existência. Frankl ressaltou que os psiquiatras estão encontrando a frustração existencial compilada na vontade de sentido. Freud (Ávila, 2007)³ afirmava que só a religião poderia responder à questão sobre a finalidade

³“No tema religioso, Freud possui uma ampla cultura. Vai com frequência, durante seus anos escolares, à sinagoga, onde estuda o Antigo Testamento. Conhece o Novo Testamento e possui conhecimentos sobre religiões comparadas e religiões da Antiguidade clássica, como demonstram seus textos (Jones, 1978, III, p.370). Apesar de seus conhecimentos em matéria religiosa, Freud é um homem de mentalidade positivista que pessoalmente se define, segundo suas próprias palavras, como um “ateu empedernido”, apaixonadamente preocupado com o tema religioso, ao qual dedica integralmente cinco de suas obras maiores: Totem e tabu (1912), Psicologia das massas e análise do ego (1921), O futuro de uma ilusão (1927), O mal-estar na civilização (1930) e Moisés e o monoteísmo

da vida. E que as respostas dadas fora da função do sistema religioso, jamais encontrou uma resposta satisfatória. Além disso, ele alegava que o sentido ou a finalidade da vida não tem sequer uma resposta. Em seu livro *O mal-estar na civilização*, o autor afirma que:

A questão da finalidade da vida humana já foi posta inúmeras vezes. Jamais encontrou resposta satisfatória, e talvez não a tenha sequer. Muitos dos que a puseram acrescentaram: se a vida não tiver finalidade, perderá qualquer valor. Mas esta ameaça nada altera. Parece, isto sim, que temos o direito de rejeitar a questão. O seu pressuposto parece ser aquela humana soberba de que já conhecemos tantos exemplos. Ninguém fala sobre a finalidade da vida dos animais, a menos que ela consista em servir aos homens, talvez. Mas isso também não é sustentável, pois com muitos animais o ser humano não sabe o que fazer – exceto descrevê-los, classificá-los, estudá-los – e inúmeras espécies animais se furtaram também a este uso, ao viver e se extinguir antes que o homem as visse. Novamente, apenas extinguir antes que o homem as visse. Novamente, apenas a religião sabe responder à questão sobre a finalidade da vida. Dificilmente erramos, ao concluir que a ideia de uma finalidade na vida existe em função do sistema religioso (FREUD, 2011, p.19).

Freud escreve uma carta destinada a Maria Bonaparte onde afirma que no momento em que o sujeito questiona o sentido da vida, ele – o sujeito - está doente (LESLIE, 2015, p.49). De outra perspectiva, Frankl interpretou que é nesse momento que vem à tona essa “essência” que o ser humano possui, uma essência caracterizada pela vontade de sentido.

Como Freud, Ávila concorda que a religião pode dar sentido à existência humana, mas não irá na mesma direção do psicanalista. Ávila entenderá que a religião é algo muito maior do que uma simples neurose⁴, e essa visão se aproxima da ótica com Frankl interpreta a religião. A busca pelo sentido da existência perpassa, de alguma forma, a todos os sujeitos que, de maneira individual e singular, se perguntou sobre o papel e o real significado de nossa vida. A pergunta “elementar” sobre o sentido da vida para Frankl pode ser enquadrada dentro de uma espiritualidade, ao passo que a espiritualidade é entendida como busca pelo sentido da existência (GOMES, 2017, p.6). Segundo Hertz (2011):

Frankl considera a religião uma realização da vontade de sentido, e, na medida em que se trata de um de um sentido último ou um suprasentido, a religiosidade é aspecto íntimo e sagrado que é igual ao amor, pois está no mais profundo do ser. Isso significa que, às vezes, Deus é inconsciente tanto no sentido de não conhecido como no sentido de ser reprimido, e, portanto, oculto ao próprio homem (HERTZ, 2011, p.36).

(1939), e ao qual faz referência pelo menos em outros quatorze textos (Domínguez Morano, 1991;1995)”. (ÁVILA, 2007, p.32).

⁴“O ponto de vista funcional, ao compreender a religião como aquilo que nos serve para enfrentar as questões últimas ou que é fonte de sentido, converte a religião em algo tão aberto que pode abarcar uma imensidade de fenômenos, como a filosofia, os esportes, as ideologias políticas etc.” (ÁVILA, 2007, p.13).

Não deteremos, *a priori*, do conceito de espiritualidade gerada ao longo de suas transformações e interpretações conceituais na história. A espiritualidade que nós trataremos nesta pesquisa é mesma assertiva de Valle, que se aproxima intimamente da mesma concepção da logoterapia, ao dizer que a espiritualidade consiste em sua essência, “[...] uma busca pessoal para o próprio existir e agir” (VALLE, 2005, p.104). Desta forma, a espiritualidade gera, para o fiel que crê no sagrado, um cenário onde a religiosidade pode aflorar mais intensamente dando um sentido à sua vida.

Se a espiritualidade para um crente pode estar vinculada a uma religiosidade, e dentro dessa religiosidade, uma religião, logo, o sentido que damos a uma determinada religião pode interferir na compreensão da existência humana, gerando uma interpretação, a partir daquelas doutrinas, o sentido da vida. Ou seja, a religião pode dar todo o significado da vida para um sujeito que crê naquela determinada religião. (GOMES, 2017, p.11). Mas a busca pelo sentido da vida pode não estar ligada a uma determinada religião. Desta forma, o sentido da vida para um cristão pode não ser o mesmo para um agnóstico, ou até mesmo para um ateu. Mas como a psicologia da religião separa a existência efetiva de Deus, Frankl também afirmou que “cada dia, cada hora, atende, pois, com um novo sentido, e a cada homem espera um sentido distinto. Existe, portanto, um sentido para cada um, e para cada um existe um sentido especial” (FRANKL, 2015, p. 26). Assim, o sentido (*logos*) da vida não está ligado essencialmente a uma religião; diferentemente da religiosidade. Mas a grande ressalva que o autor faz, diz a respeito que a sua psicoterapia está totalmente aberta a qualquer manifestação religiosa.

3 A Religião na psicoterapia frankliana: Aproximações e distanciamentos

O papel das religiões diante da humanidade abriu a possibilidade de enxergar uma determinada singularidade do indivíduo que não podemos negar a sua tamanha importância, principalmente quando falamos da tradição judaico-cristã no ocidente. Para isso, foi formulado conceitos, sínteses e objeções *do* e *sobre* os efeitos dos papéis que as religiões teriam sob os indivíduos. No contexto da psicologia da religião, Ávila dirá que a religião pode ser compreendida como “ [...] uma relação vivida e praticada como o ser ou os seres supramundanos nos quais se crê” (ÁVILA, 2007, p.14). Assim, talvez a relação com o *sagrado* seja a chave de leitura para a distinção da religião em relação a outros fenômenos (ÁVILA, 2007, p.15). Desta forma, o autor afirma que:

A religião se preocupa com Deus, as divindades, os seres sobrenaturais, as forças transcendentais... Essa concepção do que é a religião delimita desde o início o que se entende como tal e, portanto, o que permite diferenciar o fato religioso de outros fatos humanos. [...] a religião se distingue por sua função específica na vida do homem, que consiste em como as pessoas enfrentam os problemas últimos da vida. Nesse segundo caso, a definição de religião, mais que uma missão delimitadora, seria interpretativa, pois será a partir da função que realiza que se chegará à formulação do conceito de “religião” (ÁVILA, 2007, p.13).

Para Frankl, a atitude do logoterapeuta e da psicoterapia ainda teórica, tende por essência manter a neutralidade em relação a confissão de cada indivíduo; em outras palavras, Frankl diz que “[...] a existência religiosa como irreligiosa são, em princípio, fenômenos coexistentes para a abordagem logoterapêutica” (FRANKL, 2015, p. 85). Assim, a logoterapia parte de um pressuposto de não abordar uma determinada confissão religiosa na sua obra, mas também não negará a tamanha importância de abordar a religiosidade no indivíduo. Para Aquino:

[...] Frankl não é nem um repressor da religião nem um representante de uma vertente religiosa, e, por isso, escreve acerca da religião apenas como objeto de estudo, apresentando suas ideias e concepções tendo por base a sua análise existencial. Ademais, ele mesmo foi um homem religioso, portanto, além do conhecimento racional, ele também experienciou suas convicções acerca do Transcendente” (AQUINO, 2014, p.10).

Em consequência disto, o vienense delimitou objetivamente o ponto central que a sua psicoterapia tende a chegar, justamente pelo fato da não divergência no campo religioso. De forma categórica e indubitável, o autor afirmou que a psicoterapia tende a curar a alma, e a religião tende a salvá-la (AQUINO, 2014, p.11). Mas não é menos verdade que a religião tende a ser um objeto de tamanho interesse para Frankl, mas também a neutralidade fará com que o vienense não tome uma posição explícita de sua confissão.

Como dito anteriormente, a logoterapia parte do pressuposto que a religião, para a psicoterapia, não ultrapassa a fronteira de um objeto pesquisado pela mesma. Diante do que já foi exposto nos parágrafos acima, podemos notar que o autor explicita que que *Logos* na *logoterapia* toma por pressuposto a definição da palavra *sentido*, esse *sentido* na psicanálise freudiana só a religião poderia responder.

A manifestação religiosa se adentra na logoterapia como um fenômeno positivo que faz diálogo entre a psicoterapia e a religião. Assim, uma obstinação da religião como objeto não é interpretada na sua forma negativa como fez Sigmund Freud em o *Mal estar na*

civilização, mas sim na *positividade* de trabalhar tal conceito, principalmente na obra *A presença ignorada de Deus* de Frankl (FRANKL, 2016b, p.104).

Se por um lado a religião pode interferir no bem-estar psíquico do sujeito, a conceituação de religião que Frankl trabalha nos traz à tona uma síntese da objetivação e o interesse junto ao tema. Frankl interpreta a religião como um conjunto de símbolos que expressam o divino através de elementos antropomórficos, posto que os atributos divinos coincidam com as propriedades humanas (FRANKL & LAPIDE, 2005 *apud* AQUINO, 2013, p.106).

“Essa necessidade de simbolizar o que é incognoscível (*um-wiss-baren*) constitui uma característica da condição humana, sendo que cada religião apresenta uma forma específica de representação do sagrado ou de Deus” (AQUINO, 2013, p.106). Talvez haja assim uma *relação* visível (símbolos) que se faz invisível (sensitiva) no indivíduo religioso, não abstando a sua religiosidade, que pode ter oscilações ao longo da vida; uma hora a abertura para o transcendente no sujeito pode estar mais a florada, outra hora mais fechada. Desta forma, “pode-se diferenciar a Logoterapia e a religião. Na logoterapia, o homem dá as respostas e, na religião, o homem recebe as respostas” (HERTZ, 2011, p.69).

4 O Inconsciente inclinado ao Deus desconhecido

Para que possamos ter uma compreensão de religiosidade inconsciente em Frankl, é necessário entendermos que a chave para a religiosidade na logoterapia corresponde talvez, uma das poucas áreas para o diálogo entre a teoria de Frankl com a teologia. Ao propor que através da sua psicoterapia o ser humano pode descobrir não apenas o inconsciente, mas um inconsciente religioso, voltado à Deus, por onde a sua tese é sustentada através “[...] das experiências clínicas, nas manifestações de sonhos religiosos de pacientes não religiosos” (Idem, 2014, p.77), remete ao diálogo que o vienense retoma entre a sua antropologia frente ao homem religioso.

Frankl advoga que a religiosidade é exatamente aquilo que o indivíduo tem de mais sagrado (FRANKL, 2016b, p.44). Assim, a preleção que o autor sustenta é que a religiosidade genuína se oculta em determinadas pessoas, uma vez que o indivíduo não conhece que possui essa *religiosidade*. Para Frankl:

Há tradições suficientes à nossa disposição para que ninguém precise inventar Deus; porém, ninguém já o traz consigo sob a forma de arquétipo inatos. Portanto a religiosidade genuína (neste sentido, primordial, básica) não tem nada a ver com religiosidade arcaica (neste sentido, primitiva). Naturalmente, trata-se de algo diferente quando, muitas vezes, constatamos em algumas pessoas que a religiosidade primordial, aquela religiosidade primordialmente existente e posteriormente reprimida, é ingênua; é ingênua no sentido de uma fé do tipo infantil. *Sendo a religiosidade inconsciente reprimida, só podemos esperar que onde ela voltar à superfície aparecerá ligada a vivências infantis.* De fato, ao buscar a análise existencial tal religiosidade mantida reprimida, efetuando assim uma “anamnese” no verdadeiro sentido da palavra, verificamos como, muitas vezes, é trazida à tona uma fé inconsciente que, no seu sentido próprio, pode ser chamada de infantil (FRANKL, 2016b, p.44).

Sob tal parâmetro, é importante ressaltar que Frankl não segue a mesma visão de Jung, pois Jung atribuiu esse sentido a religiosidade como arcaica, ou seja, primitiva ao estado do homem. Por mais que a religiosidade para Jung esteja ligada a este aspecto, Frankl nunca afirmou que a religiosidade brota das imagens de infâncias, mas sim, as “[...] coincidem muito antigas (a partir de algumas vivências religiosas) e apreciadas da época da infância” (FRANKL, 2016b, p.64).

A inclinação do inconsciente à Deus é caracterizada, segundo seu criador, por uma fé inconsciente (FRANKL, 2016b, p.58). Em outras palavras, Frankl quer dizer que essa fé recebida na infância se ocultaria em determinadas pessoas ao longo do tempo. Se por um lado encontramos esse inconsciente voltado à Deus, por outra perspectiva devemos caracterizar que esse Deus em Frankl não condiz com uma divindade inconsciente, por mais que a nossa relação com essa transcendentalidade fosse reprimida e, assim, oculta (FRANKL, 2016b, p.59). Na medida em que Frankl afirma que o nosso inconsciente é voltado para Deus, surgem *a priori* três possíveis interpretações errôneas sobre este fato: Primeiro aspecto que Frankl aponta diz a respeito que nunca devemos entender que essa religiosidade é panteística, ou seja, por mais que temos uma relação inconsciente com Deus isso não pode ser interpretado que “[...] Deus esteja ‘dentro de nós’, que ‘habite’ inconscientemente em nós, que preencha nosso consciente. Essas não passariam de testes de uma teologia diletante” (FRANKL, 2016b, p.58). O segundo aspecto que autor refuta é que esse Deus inconsciente não pode ser, de maneira nenhuma, entendido num determinado sentido ocultista. Portanto, se entendermos que esse Deus inconsciente num sentido “oculto”, cairemos, segundo Frankl, em uma metafísica imediatista e, assim, afastaria toda a estrutura da logoterapia. Por último, o autor afirma que a “religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade

ou é existencial ou não é nada” (FRANKL, 2016b, p.62), assim, é importante entender que “[...] não podemos nunca afirmar com firmeza suficiente que o inconsciente não somente não é divino, nem onisciente, mas, acima de tudo, ao construir uma relação inconsciente com Deus, não é ‘id-ificado’” (FRANKL, 2016b, p.61). Frankl se dirige nesse aspecto a teoria de Jung, ao afirmar que a religiosidade inconsciente estaria na região do id; assim, deu ao “Deus inconsciente” uma localização errada (FRANKL, 2016b, p.62).

Para tal efeito, Frankl citava um paciente que dizia que “os homens são claramente ligados à natureza e a Deus, embora não saibam disso (FRANKL, 2016b, p. 67). Com o intuito de demonstrar que temos o inconsciente inclinado à Deus, Frankl assegura que aquele homem neurótico apontado por Freud sob a influência de uma ilusão de Deus descrita por Feuerbach, não é sustentada a partir do momento em que a essência do ser humano é a vontade de sentido (FRANKL, 2016b, p.11). Desta forma, o nosso inconsciente está voltado para Deus inconscientemente para o indivíduo que não crê, e conscientemente para o sujeito que crê. Frankl afirma que “se Deus realmente existe, estou convicto de que ele não levaria a mal se alguém o confundisse com o próprio eu e o chamasse por nome errado” (FRANKL, 2016b, p.113).

5 O sentido da vida e a presença de Deus na psicoterapia frankliana

Jocosamente Frankl repetiu a frase de um padre jesuíta que descreveu a religião como algo a mais “[...] do que um simples meio de profilaxia psicossomática anti úlceras” (FRANKL, 2016b, p.74), ou seja, Frankl quis dizer com a frase do jesuíta que a religião, por menos que se preocupe com a cura psíquica na aplicação de seus métodos, a religião pode resultar em curas psico-higiênicas e, evidentemente, gerar efeitos psicoterapêuticos. Esses efeitos remetem a sensação de proteção e ancoramento que só podem, segundo o autor, serem encontrados no Absoluto (FRANKL, 2016b, p.78). Uma vez que a religião foi tratada por Frankl como um fenômeno humano e, por ser a guisa da filosofia fenomenológica, essa interpretação do fenômeno correspondeu a um dos sustentáculos da análise existencial na logoterapia, passo que retraduz o conhecimento formulado pela fenomenologia “[...] referente às possibilidades de encontrar um sentido na vida, e para a linguagem da pessoa simples e comum, para capacitar também a esta a encontrar o sentido da vida” (FRANKL, 2016b, p.91). Frankl entende que a religião não poderia ser abdicada nesse contexto e, diante desses aspectos, a sua psicoterapia se

deparou frente à obrigatoriedade de não excluir essa orientação – religião – na psicoterapia. Segundo Frankl e Lapide (2005):

Psicoterapia e teologia, ciência e fé, estão se enfrentando e se ignorando durante muitos anos, e tão inutilmente, que chegou a hora de abrir um sincero diálogo entre aqueles que dedicam todo seu esforço para alcançar, seja a salvação do homem, seja a sua cura (FRANKL e Lapide, 2005, p.55, tradução nossa).

Em outras palavras, a intenção que a psicoterapia possui por objetivo pode resultar em efeitos que a religião tem por intenção, em outras palavras, a psicoterapia frankliana tem por intenção a cura da alma, e a religião, interpretada por Frankl, tende a salvação da alma. Mas é possível segundo o vienense, que a psicoterapia tenha por efeito o objetivo da religião, e a religião a cura da alma. Mas a grande diferença das outras escolas de psicoterapia frente a logoterapia é que a “salvação da alma”, ou seja, pressupostos religiosos podem ter por efeito na psicoterapia. E para a sustentação dessa tese, Frankl insere que por meio da psicoterapia o homem pode reencontrar fontes de uma fé inconsciente, reprimida e original (FRANKL, 2016a, p.61). O “cura d’almas”, representa para Frankl na sua psicoterapia alguém que com a ajuda dos métodos, pode ir além deles, dando a eles consolos à alma⁵. E a utilização da palavra “consolo” para Frankl, advém nitidamente explicitado no mesmo sentido falado pelo profeta Isaías: “Consolai, consolai o meu povo” (FRANKL, 2016b, p.81). Um consolo vindo de um Ser que dá ao homem religioso o sentido último da existência. Segundo Machado (2013), “esse sentido último, perante o qual o homem é responsável e de onde provém sua consciência moral – fonte de nossos julgamentos de valores – é Deus” (MACHADO, 2013, p.15). Completando, “em última análise, quem promove a cura da neurose da falta de sentido é Deus” (MACHADO, 2013, p.106); pois, “a logoterapia, ao levar o homem a descobrir o sentido de sua existência, faz com que ele se aproxime do Deus transcendente (MACHADO, 2013, p.106).

Não é difícil compreender que a religião tende por efeito a cura da alma, principalmente quando o logoterapeuta e o indivíduo se encontram firmados e sustentados pelo mesmo credo religioso, assim, é possível uma íntima relação entre prática médica e pastoral (FRANKL, 2016b, p.74). Essa pastoral médica tende a lidar com sujeitos que possuem doenças incuráveis, que diante de uma adversidade não é possível ser alterado o destino. Mas essa

⁵ “O médico não pode dar sentido à vida do paciente. Em última análise, sentido nem por ser dado, mas precisa ser encontrado. É o próprio paciente que precisa encontrá-lo independentemente. A logoterapia não faz julgamento sobre sentido ou falta de sentido, valor ou desvalor. Não foi a logoterapia, e sim a serpente que prometeu ao ser humano no paraíso que ela faria dele um ente ‘como Deus, conhecedor do bem e do mal’” (Frankl, 2016b, p.82).

pastoral, segundo Frankl, não tende a uma substituição da “autêntica pastoral”, que corresponde a sacerdotal por excelência. Frankl direciona seu pensamento a um caminho parecido com que afirmação de Gebattel sobre a pastoral médica, ao dizer que é importante haver um “êxodo da humanidade ocidental do sacerdote para o neurologista” (FRANKL, 2015, p.80), chegando a proposta de uma abertura da visão sacerdotal em diálogo com o médico, psicólogo e etc, e propondo ao profissional da saúde física a aceitação desse olhar, característico da teologia, de saúde espiritual, na colaboração para uma visão médica pastoral do homem.⁶

Frankl define o homem como um ser responsável voltado substancialmente a um sentido, um sentido que obriga ao sujeito a se colocar diante de algo, caracterizando-o como um ser-responsável que contém uma vontade de sentido, e não uma *vontade de prazer* e uma *vontade de poder* (Leslie, 2015, p.29). Esse homem que Frankl descreve é o homem que Guareschi no prefácio da obra de Leslie apresenta como um homem que é sempre mistério. Mistério este que não entende o ser humano como um relógio, que no século XIX pretenderam com a crença na modernidade descobrir as leis que regulam o indivíduo, mas sim, um homem que não compreendemos por completo, pois há uma abertura do homem ao mistério, ao transcendente (LESLIE, 2013, p.7). “Em suma, é o homem da imagem bíblica, feito ‘pouco menos do que os anjos, coroado de glória e beleza’” (LESLIE, 2013, p.129).

A transformação da visão do homem em Frankl, foi ao encontro da linha de pensamento de Einstein, quando disse que “um homem que encontra uma resposta à questão do sentido da vida é um homem religioso” (FRANKL, 2015, p.88). No entanto, a concepção do homem religioso⁷ parte da abertura do sujeito para esse sentido. Essa abertura corresponde a uma importante influência da religião e, mais precisamente da teologia, na relação entre o homem e o divino - o portador de todo o sentido. Frankl afirma que a logoterapia é um método aberto, e isso é o que caracteriza a sua psicoterapia em relação aos outros métodos. A abertura para teologia - como uma dimensão - resulta na transcendentalidade antropológica do ser

⁶ “O mundo religioso oferece corretivo muito necessário para algumas das tendências perniciosas que hoje se alastram no mundo terapêutico. O médico terapeuta é intensamente treinado para assumir responsabilidade pessoal pela saúde do seu paciente, mas é comum ele transmitir ao paciente muito pouco dessa atitude responsável com a vida. No geral, o mundo terapêutico mantém-se indiferente com relação ao modo como o paciente vê sua vida. A insistência de Frankl em se assumir responsabilidade pelo que se é e pelo que pode ser vir a ser, então, é uma mudança oportuna com relação a grande parte do determinismo que no mundo da terapia ensinou, mesmo que quase sempre inadvertidamente” (Leslie, 2015, p.28).

⁷ “O homem religioso vive sua existência não como uma tarefa concreta, mas como uma missão pessoal que lhe é atribuída por um Ser pessoal. Assim, ele vê sua tarefa com transparência, isto é, à luz da Transcendência; a despeito de tudo, somente ele pode dizer ‘sim’ à vida sob todas as condições e circunstâncias – a despeito de tudo; a despeito do infortúnio e da morte”. V. E. Frankl, “The Will to Meaning”, *Journal of Pastoral Care*, XII, verão de 1958, p. 87 (LESLIE, 2015, p.18).

humano (FRANKL, 2005, p.58). O mesmo vale, de maneira análoga, quando Kierkegaard afirma que a porta da felicidade se abre para fora; ele está querendo dizer que ela fechará para quem tentar arrombá-la (FRANKL, 2015, p.66), e assim, Frankl afirma que o “o sentido não pode ser dado, mas precisa ser encontrado” (FRANKL, 2016, p.83).

O interesse primordial do homem para Frankl, se caracteriza na realização das potencialidades do sentido, e não dentro de si mesmo, mas aberto a uma relação com o mundo (LESLIE, 2013, p.87). Ainda assim, “é a vida que faz perguntas ao homem. O indivíduo não precisa perguntar; antes, é a vida que lhe pergunta e ele precisa responder – ser responsável pela vida” (FRANKL, *The Doctor and the Soul* *apud* LESLIE, 2013, p.55). Segundo Leslie:

[...] Frankl dizia que a logoterapia não é uma terapia de cunho religioso, mas é um processo terapêutico que abre as portas para a religião. Já dissemos que quando Frankl emprega o termo “espiritual”, devemos entendê-lo no sentido noético, sem nenhuma conotação estritamente religiosa. No entanto, ele explica que a pessoa religiosa é alguém que foi mais além em suas afirmações do que o descrente. Ele esclarece isso com a imagem do alpinista que quer prosseguir até o cume, não obstante este estar oculto pela neblina. O alpinista avança com um sonoro “sim” nos lábios; ele diz “sim” a Deus (LESLIE, 2013, p.147).

A fé judaica interpreta que Deus desempenha um papel de estreita relação com a humanidade, íntima e pessoal ao homem. Deus é visto como o portador do sentido da existência, na medida em que a leitura feita pelo judaísmo vê Deus o responsável de preencher um vazio existencial e dar um sentido para cada sujeito, e essa tarefa é de caráter específico, pois “[...] para ele – Frankl –, a consequência desse esquecimento de Deus é o vazio existencial, que é a expressão concreta da falta de sentido na vida, da repressão do espírito humano” (HERTZ, 2011, p.26).

Segundo Hertz (2011), Frankl dizia que sentia a presença de um suprassentido, que é a presença viva do Deus inconsciente, que mora no coração do homem (HERTZ, 2011, p.26). A teologia judaico-cristã entende que a melhor pergunta sobre o sentido da vida será completa na medida em que o sujeito pergunte a Deus, o portador do sentido da existência.⁸

6 Considerações finais

⁸A logoterapia ressalta que “o sentido último da vida se encontra no mundo sobrenatural. O fato de alguns valores serem mais importantes do que outros remete a uma hierarquia de valores e pressupõe a supremacia de um valor, especificamente, Deus. [...] Deus está fora da vida humana, mas dá sentido à vida toda” (LESLIE, 2013, p.147).

A concepção que Frankl interpretou sobre o homem, apresentou a psicoterapia um horizonte e um olhar diferentemente das antigas perspectivas mecanicistas sobre o ser humano. E a partir disso não é difícil perceber que Frankl é considerado o fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Frankl descobriu que o homem busca um sentido para a existência, um sentido que faz suportar todos os sofrimentos presentes na vida. Algo similar a sua frase: “No princípio era o sentido” (FRANKL, 2000, p.58)

Para Leslie, “[...] toda a psicoterapia que exclui os níveis mais elevados da vida do homem, suas aspirações espirituais e sua relação com Deus, exclui uma dimensão fundamental da vida” (LESLIE, 2015, p.43-44). Uma dimensão transcendente que, para Frankl, está imersa dentro de um seio que jorra o sentido. E essa dimensão reside o portador desse sentido que, em Frankl, pode ser interpretado como Deus. Portanto, o vienense interpreta que o ser humano tende a ter uma abertura para um Deus; e essa abertura apresenta um espaço em que a religião, a relação do sujeito e o sagrado presente ao indivíduo o agir no mundo. Para o autor:

Muitos autores, no campo da logoterapia, indicaram sua compatibilidade com a religião. No entanto, a Logoterapia não é uma psicoterapia protestante, católica ou judaica. Uma psicoterapia religiosa é, no sentido estrito, inconcebível em termos da diferença essencial entre psicoterapia e religião, que é uma diferença dimensional. Em princípio, os objetivos de ambos são diferentes. A psicoterapia busca saúde mental, a religião busca a salvação. Certamente, como Howard Chandler Robbins escreveu, "o culto acalma a mente. Mas não pode ser praticado para esse fim, sem anular o mesmo propósito. Nós não cantamos nosso Te Deum, nossa Glória, na esperança de curar a insônia ou nos libertar da indigestão crônica. Nós cantamos nosso Te Deum, nossa glória, para a glória de Deus" (FRANKL, 2012, p.143).

A dimensão em que segue a teologia se diferencia do campo em que a psicoterapia está inserida; mas Frankl salienta que não existe uma exclusividade na psicoterapia que possa ser inclinada a uma determinada dimensão. Assim, o homem não religioso considera que a sua consciência como referência final para tomar decisões. A consciência é o órgão do sentido, isto é, o órgão que é responsável em descobrir o sentido da existência (FRANKL, 2005, p.65). O homem religioso já apoia a sua consciência em uma dimensão - instância - mais elevada, isto é, uma consciência que está voltada ao sagrado (FRANKL, 2005, p.58). Para o vienense (2005):

Eu gosto de afirmar que, ao contrário de outras formas de psicoterapia, a logoterapia é um método aberto, e justamente essa abertura me permite considerar o teológico como uma dimensão que transcende a dimensão antropológica e, portanto, também a psicoterapia enquanto tal (FRANKL E LAPIDE, 2005, p.58. Tradução nossa).

Em outras palavras, tais conceitos basilares para a fundação da logoterapia serviram para destacar que Viktor Frankl ao trabalhar os conceitos relativos a psicologia frente às

questões trabalhadas pela religião, especificamente neste caso o monoteísmo e, sendo mais profundo, o judaísmo, o autor funda uma autêntica psicologia da religião.

Referências

AQUINO, T.A.A. LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

_____. A PRESENÇA NÃO IGNORADA DE DEUS NA OBRA DE VIKTOR FRANKL: Articulações entre logoterapia e religião. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

ÁVILA, Antonio. PARA CONHECER A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO. [Tradução de Maria José Rosado Nunes e Thiago Gambi]. São Paulo: Editora Edições Loyola, 2007.

GOMES, Matheus D. R. LOGOTERAPIA: DA RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO NA PSICOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL. 2017. 11f. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de fora, 2017.

GRECO, Carlos. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: essência, valor, verdade. [Tradução de Alda da Anunciação Machado]. São Paulo: Loyola, 2009.

HERTZ, Bela. R. A HERANÇA JUDAICA NA VIDA E OBRA DE VIKTOR FRANKL. Curitiba: JURUÁ, 2011.

FRANKL, Viktor E. EM BUSCA DE SENTIDO: Um psicólogo no campo de concentração. [Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline]. 39. ed. Petrópolis: Editora Sinodal, 2016a.

_____. A PRESENÇA IGNORADA DE DEUS. [Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 17]. ed. São Paulo: Editora: Sinodal, 2016b.

_____. O SOFRIMENTO DE UMA VIDA SEM SENTIDO: caminhos para encontrar a razão de viver. [Tradução de Karleno Bocarro]. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. FUNDAMENTOS Y APLICACIONES DE LA LOGOTERAPIA. [Traducción de Claudio César García Pintos]. Barcelona: Herder Editorial, 2012.

_____. EN EL PRINCIPIO ERA EL SENTIDO: reflexiones em torno al ser humano. [Traducción de Héctor Pinquer Minguijón]. Barcelona: Editora Paidós.

FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. BÚSQUEDA DE DIOS Y SENTIDO DE LA VIDA: diálogo entre el teólogo y un psicólogo. [Traducción de Gilberto Canal Marcos]. Barcelona: Herder Editorial, 2005.

FREUD, S. O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO. [Tradução de Paulo César de Souza]. São Paulo: Editora: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2011.

LESLIE, R.C. JESUS E A LOGOTERAPIA: O ministério de Jesus interpretado à luz da logoterapia de Viktor Frankl. [Tradução de Euclides Luiz Calloni]. 1ª edição. São Paulo: Paulus. 2013.

MACHADO, A. E. S. O PAPEL DE DEUS NA CURA: segundo Viktor Frankl. São Paulo: Idéias & Letras, 2013.

VALLE, J.E.R.E. RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE: um olhar psicológico. In: AMATUZZI.M.M (org.) Psicologia e Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2005, pp. 83-108.